NOTAS E TRANSCRIÇÕES

O CEARÁ VISTO POR UM VIAJANTE FRANCÊS POUCO CONHECIDO

Odilon Nogueira de Matos

O volume XII da "Revista Trimestral do Instituto do Ceará", correspondente ao primeiro trimestre de 1898, inseriu a tradução da parte relativa ao território cearense da "Voyage aux Provinces Brésiliennes", de Alexandre Belmar, viajante pouco conhecido, que percorreu parte do Brasil no século passado. Embora não haja nenhuma indicação quanto ao nome do tradutor das páginas publicadas pela revista cearense, acreditamos poder atribuí-la ao Barão de Studart, um dos grandes nomes de historiografia do Ceará, de quem já nos acupamos nesta publicação. Duas circunstâncias levam-nos a esta suposição. Em primeiro lugar, ter sido o Barão de Studart, dentre todos os historiadores cearenses, o que mais se interessou pelos estrangeiros que viveram ou simplesmente visitaram o seu Estado; prova-o o excelente trabalho que publicou na mesma *Revista do Instituto do Ceará* (Vol. 31), sob o título "Estrangeiros e Ceará", no qual arrola uma grande quantidade de estrangeiros vinculados, duma forma ou doutra, àquele Estado. Nem todos, obviamente, deixaram impressões de viagem e muitos, dentre eles, eram técnicos contratados pelo governo da Província ou do Estado, ou por empresas particulares, para obras públicas da mais variada natureza. Em segundo lugar, o fato de ser o grande historiador o redator da importante publicação do sodalício cearense, na época aludida, correndo, pois, por sua responsabilidade a matéria não assinada inserta nas páginas da revista.

Mais difícil que este problema da tradução foi encontrar algo sobre o autor. O próprio Studart, no estudo sobre estrangeiros no Ceará, nada nos adianta e o verbete que lhe consagra consta de dez ou doze linhas ocupadas apenas em condensar as impressões do viajante. Nem sequer informa quanto às indicações bibliográficas do livro de cujo capítulo sobre o Ceará provavelmente foi o tradutor. A obra vem citada, mas sem qualquer comentário, por todos os que se têm ocupado da bibliografia estrangeira sobre o Brasil: Garraux, Rodolfo Garcia, Alfredo de Carvalho, Georges Raeders e Paulo Berger. Apenas este último indica seu nome completo ——— Alexandre de Belmar ———, enquanto que todos os outros citam-no apenas por A. de Belmar. Seu livro intitula-se "Voyage aux Provinces Brésiliennes du Pará et des Amazones, en 1860, précédé d'un rapide coup d' oeil sur le littoral du Brésil". Embora escrito e publicado em francês, foi editado em Londres, pelo impressor Trezise, em 1861. Eis como o pouco conhecido viajante francês descreve o Ceará, transcrito da revista indicada, páginas 8-84:

"O litoral americano que eu costeei em minha viagem se estende até aqui para o Nordeste, mas, desde a extremidade setentrional do Rio Grande do Norte, pende à esquerda e toma a direção do Noroeste correndo para o istmo de Panamá. É, pois, costeando um dos flancos do Equador que eu chego a Fortaleza, capital da província do Ceará.

Fortaleza é uma cidade nova, de aspecto europeu, cujas ruas, alinhadas a cordão, são embelecidas com alguns edifícios de notável elegância, no número dos quais convém colocar o palácio do governo, um belo quartel e sobretudo a igreja catedral. Sua população é de cerca de 25 mil almas. Encontra-se aí um Liceu, uma Junta de Comércio, hospital e, nos arrebaldes, cerca de 1500 casas de palha, que servem de abrigo à classe pobre.

O porto de Fortaleza está ainda por fazer; o que existe é apenas uma enseada pouco segura, e muito menos freqüentada do comércio que os portos de Aracati, Acaraú e Granja.

A província do Ceará, que não tem menos de 128 léguas de costa, oferece uma extensão de 100 léguas sobre largura pouco mais ou menos igual, extensão que é povoada por 600 mil habitantes.

O país, em parte montanhoso e coberto de florestas virgens, em parte semeado de savenas verdejantes ou áridas, segundo a estação, é anualmente desolado pelo flagelo da seca,

que aí faz por vezes horríveis estragos, destruindo a vegetação, os animais e até os homens. Esta circunstância impede naturalmente a agricultura e a indústria de se desenvolverem em maior escala. O mal não é entretanto irremediável. Poder-se-ia por meio de barragens praticadas nas gargantas das montanhas construir-se imensos reservatórios e regas que salvariam as plantações durante a estação seca.

É fato que a configuração das serras desta província tornaria extremamente fácil o estabelecimento destas barragens.

Seria bom também tornar úteis quanto possível as águas do Jaguaribe e de seus afluentes, e ao mesmo tempo fazer o ensaio de poços artesianos, que em muitos lugares da Europa tem produzido os mais felizes resultados.

Apesar destes notáveis inconvenientes, a província do Ceará começa a fornecer à indústria e ao comércio uma importante soma de produções. A cana-de-açúcar e os vegetais dos trópicos prosperam nos terrenos antes ocupados pelas florestas, o algodão produz maravilhosamente nas planícies do centro e o gado aumenta nas partes incultas do território.

Esta província é além disso bastante rica em plantas medicinais, madeiras de construção, minas de ouro, de prata, de ferro, de cobre, de chumbo, de salitre, de cristal.

A história natural poderá achar ali uma matéria tão ampla quão variada; quanto a mim, me limitarei a assinalar aqui uma verdadeira maravilha vegetal, particular a este terreno: é a carnaúba ou palmeira cerífera, cujas folhas largas, cortadas em forma de leque, servem para cobrir as cabanas e a haste é vantajosamente empregada na construção de casas. Seu fruto, que é uma espécie de couve, que não se poda sem derrubar a árvore, forma uma fécula nutritiva, procurada em tempos de seca. Doutra parte, as raízes são medicinais e gozam das mesmas propriedades que a salsaparrilha; mas a finalidade mais notável desta bela árvore, que decora hoje os passeios, é que as folhas são tapeçadas de uma espécie de cera ou de sebo, de que os habitantes fazem pequenas candeias.

O estado comercial do Ceará tende anualmente a aumentar na progressão que o das outras províncias brasileiras.

Não há dúvida de que o melhoramento do seu porto e outras medidas realizadas pelo governo acabarão de assegurar sua prosperidade.

(*Notícia Bibliográfica e Histórica* — Nº 85 - out. 1977)